

UBERABA, MG, 3 DE MAIO DE 2001

Meu caro amigo Aécio Neves, Presidente da Câmara dos Deputados; meu Governador, Geraldo Alckmin; Ministro Eliseu Padilha; Ministros de Estado; Parlamentares; Prefeitos; Senhoras e Senhores;

Eu disse há pouco, aqui em Uberaba, que hoje é um dia de alegria para mim. Porque voltei para a inauguração da feira de Uberaba, a ABCZ, da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu. E pude fazer um discurso, depois de ter ouvido dois ou três, com um sentido totalmente diferente dos discursos que ouvi em 95 e daquele que, acanhadamente, fiz em 95.

Em 95, pairavam muitas dúvidas sobre a nossa capacidade de levar adiante aqueles passos iniciais do Plano Real e as transformações pelas quais o Brasil ansiava. Hoje, em Uberaba, o discurso do Presidente da Associação – e os criadores, os pecuaristas são duros no modo de falar – foi de sintonia com o Governo, porque o Governo está sintonizado com a sociedade e com o Brasil. Quando eu digo governo, eu não digo o Presidente da República. Eu me referi, no Parque de Exposições, ao fato de que o Ministro Andrade Vieira tinha me ajudado a

compreender a questão da aftosa. Um ex-Ministro mineiro, que está aqui presente, Arlindo Porto, continuou nessa mesma boa tradição e me ajudou muito na consolidação da nossa agricultura. Hoje, o Ministro é gaúcho, mas nós somos todos brasileiros.

Estamos construindo um novo Brasil. E esse novo Brasil é o que precisa do entrelaçamento, do entendimento. Essa ponte é simbólica. Quando ouvi o Governador Geraldo Alckmin, eu disse: “Meu Deus, parece comigo, já teve família até em Minas”. Eu costumo ter em toda parte. Mas é um bom sinal de que ele esteja, primeiro, com boas raízes, e segundo, que faça referência à nossa integração nacional.

Essa ponte é simbólica, porque não é que ela una, nós já estávamos unidos por aquela outra ponte, que foi até objeto de luta na época da Revolução Constitucionalista de 32. Há marcas de bala naquela ponte. Uma vez eu a atravessei com o então Governador Eduardo Azeredo, porque nós fomos lá a Igarapava para inaugurar uma hidroelétrica. Pois bem, essa nova ponte mostra o reforço desta integração, desta aliança de todos os brasileiros.

E é verdade que, por aqui, nós vamos ver passar, como já víamos na ponte antiga – vão passar com mais celeridade – riquezas do Centro-Oeste, riquezas do Norte, do Sul, do Sudeste, num grande movimento de um só Brasil que se une hoje em termos de um futuro de maior grandeza. E grandeza, no caso, quer dizer bem-estar, de maior bem-estar para os seus filhos. É uma ponte, portanto, simbólica. Une Minas a São Paulo. Nos nossos corações sempre estiveram unidos, Minas e São Paulo.

Mas ela tem outro simbolismo: é que nós demos a ela o nome do Governador Franco Montoro. O Governador Franco Montoro foi o sonhador desse Brasil que nós estamos construindo. Posso dizê-lo com muita tranquilidade. Montoro era um homem que pregava. Ele acreditava em idéias – então, nós o ouvíamos pregando e, muitas vezes, no deserto. E muitas vezes também pregava diante do ceticismo de muitos de nós. Mas ele pregava. Pregava, primeiro, a democracia. E a democracia, para ele, era uma coisa muito concreta, implicava a descentralização, implicava o apoio aos municípios, implicava dizer que a pessoa, o cidadão, não mora na União, não mora no Estado, mora no município,

e que, portanto, os olhos do político têm que estar voltados para a realidade local. Era a partir daí que ele fazia toda a sua pregação no sentido da descentralização administrativa. Isso foi um exemplo – mais que um exemplo, ele iniciou esse caminho.

Não vou me esquecer do que Montoro tentou até fazer, o que não conseguiu – a cidade de São Paulo era tão grande. Quem sabe fosse melhor fazer algum tipo de autonomia, também lá, local? Mas foi feito um plebiscito em Santo Amaro. E Santo Amaro preferiu ficar junto da cidade de São Paulo. Montoro tinha essa concepção muito firme na cabeça dele. E nós, hoje, estamos descentralizando tudo, ao máximo possível. Nada se faz sem a colaboração do Prefeito, do Governador – quando o Governador quer – e da União. Sempre.

Nós estamos sempre dispostos a dar as mãos uns aos outros. Isso é a descentralização que nós aprendemos vivamente com Montoro, a democracia e a descentralização.

Mas Montoro era um grande sonhador também da hidrovia. Essa hidrovia à qual fez referência o Ministro Eliseu Padilha passa muito perto daqui, é a Tietê–Paraná, a que nós fizemos lá, o Ministro Padilha fez, lá no Madeira, na direção do Amazonas. A nossa sonhada hidrovia Tocantins, a eclusa, nós estamos fazendo, lá em Tucuruí.

Tudo isso era visão do Montoro. Numa época em que não se falava em hidrovia. Hidrovia era absolutamente uma coisa marginal, porque nós estávamos ainda sob o impulso e o influxo, positivo na verdade, de um outro momento, quando as rodovias dominaram o Brasil, depois de Juscelino Kubitschek, por causa das fábricas de automóveis. Era necessário fazê-las. Mas chegou um momento em que era impossível que houvesse apenas rodovias. E Montoro sonhava com hidrovias. Hoje, a hidrovia começa a ser uma realidade palpável, no nosso país.

De modo que, ao dar o nome de Franco Montoro a esta ponte, nós tivemos em mente exatamente isso. Não é só uma homenagem a ele. É uma lembrança para nós próprios, de que as lições do Montoro não podem ser esquecidas: de democracia, de descentralização, de crença no povo, de que é preciso buscar sempre formas novas de comunicação e

de que é preciso ter total dedicação ao serviço público, por parte daquelas que estão exercendo funções públicas.

E, ao dizer isso, devo dizer que o Ministro Eliseu Padilha descreveu, rapidamente, algumas das realizações que estão sendo feitas pelo nosso povo, em termos de transformação da nossa infra-estrutura. Devo dizer que o Ministro Padilha tem sido um lutador, nessa área. Tem sido um homem capaz de transmitir crença na possibilidade de um Brasil no qual a infra-estrutura volta a existir, com força, nos nossos projetos prioritários.

E é porque nós temos esse pensamento, porque nós sabemos que é preciso integrar crescentemente, porque nós sabemos que é preciso criar condições melhores de transporte, porque isso vai beneficiar não apenas a economia mas o bem-estar da população, é que temos um compromisso, que eu reafirmei hoje, aqui, em Uberaba, e quero dizê-lo agora, aqui, e mencionar aqueles que são as pessoas que têm influenciado nessa direção: nós vamos terminar a BR-050.

Essa obra, essa ponte que aqui está, que já teve a cooperação do governo de São Paulo, já é parte desse processo. Porque nós já temos até Uberaba. Nós vamos fazer, agora, de Uberaba a Uberlândia. E as pessoas que têm lutado por isso estão aqui presentes.

Uma pessoa, porque é de Patos, o Arlindo Porto, está esperando que haja uma outra “perninha” da estrada, que vá para lá. Mas há os que não apenas abençoam, são os construtores do meu espírito, dessa necessidade. Cito, em primeiro lugar, o Deputado Odeldo Leão, que tem, realmente, batalhado por isso, batalhado por Uberlândia. Romel Anízio está aí, e a presença forte dele me impediria de esquecê-lo. – e eu não iria esquecê-lo, como também não vou esquecer Inácio Rodrigues, que luta por isso, nem o Aracely de Paula, porque eles quatro fazem parte desse processo que está sendo levado adiante, com o impulso dado, diuturnamente, pelo líder Odeldo Leão e pelos seus companheiros. Mas, sobretudo, é o povo da região que precisa dessa duplicação.

A nossa idéia era de que essa duplicação fosse feita com a iniciativa privada. Houve problemas, na questão das concessões. Por isso o atraso. E, como o povo não pode esperar que todas as questões de licitação sejam resolvidas e que todos os trâmites burocráticos sejam finalizados,

nós tomamos a decisão de dar um impulso maior no Orçamento da República, de tal maneira que o Ministro Padilha terá as condições, e o nosso Prefeito Marco Monte, de Uberaba, está feliz com isso também, porque foi ele quem lembrou, lá, essa necessidade.

Inauguramos, como estamos fazendo, com muita satisfação, esta ponte. Agradecemos, como já foi feito por vários, o esforço daqueles que trabalharam aqui, fazendo as ferragens, concretando a ponte. Porque a gente vem no muito bonito, eles vêm quando a coisa é dura para fazer.

Ao agradecer o trabalho e ao ter a satisfação de poder tirar, pelo menos, uma fotografia com alguns deles, eu quero agradecer, realmente, ao povo de Minas e ao povo de São Paulo, e à irmandade entre Minas e São Paulo. É o sentimento que só nos une, essa convergência permanente de brasileiros, que sabemos das nossas responsabilidades para com o País, porque representamos estados – não são os únicos – que têm muito dinamismo e que têm, sobretudo, esse dom da generosidade, da hospitalidade, de uma maneira fácil de ser e da vontade permanente de abraçarmo-nos uns aos outros.

Esta ponte é um abraço entre São Paulo e Minas, pelo Brasil.